



Mariana Paiva Carvalho

Forma construída e espaço natural

Trabalho realizado sob a orientação do:
Professor Doutor Vítor Manuel Araújo de Oliveira

outubro 2022



Mariana Paiva Carvalho

Forma construída e espaço natural

**Dissertação de Mestrado
Arquitetura**

Dissertação apresentada na Universidade Lusófona do Porto para
obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do Porto no dia
25/10/2022, perante o júri seguinte:

Presidente: Professor Doutor Pedro Cândido Almeida D'Eça Ramalho
(Professor Catedrático da Universidade Lusófona do Porto)

Arguente: Professora Doutora Ana Cláudia Pereira Monteiro
(Professora Auxiliar Convidada da Universidade Lusófona do Porto)

Orientador: Professor Doutor Vítor Manuel Araújo de Oliveira
(Professor Catedrático da Universidade Lusófona do Porto)

outubro 2022

É autorizada a reprodução integral desta tese/dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Vítor, pela dedicação, disponibilidade e exigência ao longo de todo o processo.

Aos meus pais e irmãos, os mais críticos e os melhores conselheiros.

Ao Vítor pelo companheirismo, paciência e motivação.

À minha família e amigos por estarem sempre presentes.

*Aos meus professores, colegas e a todos os que se cruzaram
no meu caminho e marcaram a minha vida académica.*

Obrigada.

RESUMO

Do assentamento humano ao edifício singular, as relações entre espaço natural e forma construída observam-se em diferentes momentos da concretização arquitetónica, desde a implantação sobre o território, à organização dos espaços exteriores e interiores, à materialização construtiva. Por vezes indissociáveis, inconscientes ou projetados, concebidos por um arquiteto ou de modo menos erudito, ainda que igualmente sábio, os vínculos criados entre forma construída e natureza são a base de qualquer urbanização (em sentido lato) e um fator determinante no seu crescimento económico, social e cultural.

A natureza leva a ‘vida’ às cidades, o bem-estar, a saúde, o alimento, a beleza e o lazer. Presente na vegetação, nos materiais e na topografia, na luz e na água, é um agente de transformação dos elementos arquitetónicos que a rodeiam, fundindo-se, por vezes, e originando um elemento único. Representa o motivo, o contexto, a origem e uma necessidade na conceção de forma construída. É a base do projeto, que influencia o habitar dos espaços e o modo como a arquitetura é percebida através dos sentidos.

Esta dissertação explora as relações entre espaço natural e forma construída. Para além da introdução e das considerações finais, é constituída por três partes, correspondentes a três escalas distintas, onde se exploram estas complexas relações: a aldeia de Drave, tomada no seu todo; uma parte do centro histórico de Amarante; e a Casa de Chá da Boa Nova, em Matosinhos.

Palavras-Chave: forma construída, espaço natural, Drave, Amarante, Casa de Chá da Boa Nova.

Built form and natural context.

ABSTRACT

From the human settlement to the singular building, the relationships between natural space context and built form are observed at different moments of architectural achievement, from the implantation on the territory, to the organization of exterior and interior spaces, to the constructive materialization. Sometimes inseparable, unconscious or designed, conceived by an architect or in a less erudite, albeit equally wise, way, the links created between built form and nature are the basis of any urbanization (in a broad sense) and a determining factor in its economic, social and cultural growth.

Nature brings 'life' into cities, well-being, health, food, beauty and leisure. Present in vegetation, materials and topography, light and water, it is an agent of transformation of the architectural elements that surround it, sometimes merging and creating a single element. It represents the motive, the context, the origin and a need in the design of built form. It is the basis of the project, which influences the inhabiting of spaces and the way in which architecture is perceived through senses.

This dissertation explores the relationship between natural context and built form. In addition to the introduction and conclusions, it is in three parts, corresponding to three different scales where these complex relationships are explored: the village of Drave, taken as a whole; a part of the historic centre of Amarante; and the Boa Nova Tea House, in Matosinhos.

Keywords: built form, natural space, Drave, Amarante, Casa de Chá da Boa Nova.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	V
RESUMO	VI
ABSTRACT	VII
I. INTRODUÇÃO	10
II. DRAVE.....	13
Enquadramento geológico	14
Localização	15
Evolução	17
Forma da aldeia	19
Ruas	20
Edifícios	23
Currais.....	24
Edifícios especiais e equipamentos.....	27
A aldeia e a relação entre forma construída e espaço natural	29
III. AMARANTE.....	31
Enquadramento geológico	32
Localização	33
Evolução	35
Forma urbana.....	37
Ruas	38
Ponte de São Gonçalo	39
Edifícios	41
Edifícios especiais e equipamentos.....	43
A praça e a relação entre forma construída e espaço natural	46

IV. CASA DE CHÁ DA BOA NOVA	48
Enquadramento geológico	49
Localização	50
Evolução	52
Percurso.....	54
O edifício.....	56
A casa e a relação entre forma construída e espaço natural.....	60
 V. CONSIDERAÇÕES FINAIS	 62
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 66
WEBGRAFIA	67
ÍNDICE DE FIGURAS	68

I. Introdução

Numa época em que os espaços naturais das cidades se veem agredidos e reduzidos, importa refletir sobre a influência da natureza na origem e no desenvolvimento dos assentamentos e, simultaneamente, sobre a repercussão da construção e da humanização no ambiente natural.

A hidrografia, a topografia, o clima e os recursos geológicos locais revelam-se fatores determinantes na origem e desenvolvimento das povoações, pela fertilidade dos solos que criam, pela ligação que permitem estabelecer com diferentes locais e pela potencialidade económica que geram, suporte do crescimento urbano. Salvar o funcionamento e a qualidade de vida nas formas construídas e, ao mesmo tempo, a preservação da natureza, é uma preocupação que deve ser encarada de forma consciente e responsável, para que novas intervenções assegurem um futuro sustentável.

Esta dissertação tem como objetivo refletir acerca da relação entre forma construída e espaço natural, tomando especificamente três casos distintos: a aldeia de Drave; uma parte de cidade de Amarante; e a Casa de Chá da Boa Nova, em Matosinhos. Procurou-se explorar estas complexas relações em três escalas diferentes.

A literatura sobre o tema, produzida ao longo das últimas décadas, ainda que não abordada diretamente nesta dissertação, informa indiretamente o nosso olhar sobre os três objetos de estudo. A nível nacional destacam-se, em particular, os trabalhos de Manuel Teixeira e Rosália Guerreiro, sobre a influência do espaço natural nas fases iniciais dos assentamentos humanos, e o trabalho de Alfredo Matos Ferreira sobre o modo como a recente perda da relação entre contexto natural e formas construídas constitui uma das razões chave para a perda de qualidade do espaço urbano (Ferreira, 1995; Guerreiro, 2011; Teixeira e Valla, 1999). A nível internacional, identificam-se o trabalho de A. E. J. Morris, que explora o papel do espaço natural como determinante das formas construídas, e o de Spiro Kostof, que aborda a cidade como uma sucessão de ações sobre um contexto natural (Kostof, 1991; Morris, 1972).

Os três casos foram selecionados pelo modo notável como estas relações se materializam, e ainda pela sua localização geográfica, que os torna visitáveis e próximos entre si. As três escalas diferentes - o primeiro, uma aldeia; o segundo, uma porção de cidade; e o terceiro, um edifício - permitem uma análise mais rica e variada da relação espaço natural/construído, tendo em conta diferentes fatores e pontos de vista. Os três casos devem permitir uma leitura individual baseada em tópicos semelhantes, havendo ao longo da dissertação uma aproximação e uma transição gradual entre uma visão mais geral e um enfoque no detalhe, proporcional ao objeto de estudo.

Tendo como principal método de trabalho o recurso à experiência sensorial e ao registo fotográfico, foram visitados e explorados os três casos de estudo, com o objetivo de participar da vida dos espaços, de os documentar e de descrever a vivência, sob uma perspectiva arquitetónica, na ótica do utilizador. Para sustentar esse procedimento, foram utilizados recursos bibliográficos que permitem contextualizar cada caso, essencialmente a nível histórico, geográfico e geológico.

A análise de cada um dos exemplos tem precisamente como base um enquadramento geológico e histórico e desenrolou-se através da interpretação de desenhos técnicos (plantas, cortes e alçados), de fotografias e de outros elementos que permitissem explorar o vínculo existente entre os objetos de estudo e a sua envolvente.

Nas três situações foi primordial perceber de que modo o tecido urbano dialoga com a topografia, a hidrografia e a geologia do local, tendo sempre em vista a comparação e o confronto entre todos os exemplos, considerando as suas diferenças e os seus pontos comuns.

II. Drave

Enquadramento geológico

Arouca data de há 570 milhões de anos e integra o “Complexo Xisto- Grauváquico”, tendo, por isso, o xisto e o grauvaque como rochas mais abundantes na região.

Inicialmente coberta pelo mar, as diferenças de camadas de rochas, que se observam atualmente e que integram a geologia de Arouca são consequência dos seus constantes avanços e recuos sobre a linha da costa. Nos locais onde a água tinha menor profundidade depositaram-se sedimentos grosseiros, seixos e areias, que originaram mais tarde rochas consolidadas, os conglomerados e arenitos que se transformaram, por metamorfismo, em quartzitos. Nos locais onde a profundidade do mar era maior, os sedimentos depositados eram mais finos. Aí surgiram ardósias e rochas xistentas, ricas em fósseis. Existem ainda depósitos glaciares, consequência das temperaturas muito baixas a que estavam expostas.

O relevo acidentado da região justifica-se pela ação das forças tectónicas e dos agentes erosivos que, aquando do recuo do mar, provocou dobras e fraturas e contribuiu para a topografia atual. Nessa altura, a tectónica provocou uma dobra com quilómetros de extensão nas camadas de sedimentos depositados: o Anticlinal de Valongo, a leste de Arouca. O anticlinal data do Paleozoico e é, hoje, uma evidência científica das transformações desse período, pelas rochas e fósseis que apresenta. A sudoeste deste anticlinal, formou-se uma bacia continental, onde se depositaram sedimentos e se desenvolveu a flora. Observa-se atualmente, nessa camada, fósseis de vegetais, arenitos, conglomerados e alguns leitos de carvão (resultantes da vegetação).¹

Arouca é também conhecida pelas suas cristas quartzíticas, observadas nas elevações do Lobão (513m), Santo Adrião (640m) e Galinheiros (643m). A dureza das rochas, combinada com uma erosão diferencial, originou o relevo atual, nomeadamente as zonas aplanadas, vales e cristas, sendo esta última resultado de movimentações e fraturas. A região, rica em recursos minerais, tem as suas ardósias exploradas, sendo o ouro, estanho e tungsténio recursos outrora explorados. O ouro foi explorado aquando da ocupação romana; o estanho, entre o rio de Frades e Alvarenga, estando as minas mais importantes de estanho e tungsténio, em Regoufe. Existem ainda explorações de caulino e pedreiras de rochas granitoides.

1- Couto, H. (1999). *Arouca- Uma viagem através dos tempos geológicos*. Arouca: Associação da Defesa do Património Arouquense. Apesar de esta não ser uma área de conhecimento do domínio da Arquitetura, optou-se por trazer para o início de cada caso informação relevante e com algum detalhe sobre o contexto geológico.

Localização

Situada entre três serras - Freita, São Macário e Arada - a aldeia de Drave insere-se no Geoparque de Arouca, na União de freguesias de Covelo e Paivó e Janarde, no concelho de Arouca.

A aldeia fica localizada num vale, no centro da formação montanhosa, onde afloram o granito e o xisto, característicos da zona, conhecida antigamente por monte Fuste. Essa zona montanhosa divide as bacias hidrográficas do Douro e Vouga, e fica rodeada pelos rios Arda, Vouga e Paiva.

A 600 metros de altitude, a aldeia fica cercada por um conjunto de montanhas. Com montes áridos e rochosos, é junto aos cursos de água que encontra os terrenos mais férteis. Os montes, revestidos essencialmente com espécies arbustivas rasteiras, como a carqueja, urze e tojo, distinguem-se do vale fértil, com salgueiros e amieiros, e socacos verdes essenciais para a agricultura. A aldeia implanta-se precisamente no encontro do rio que corre nesse vale, o rio de Palhais, com o ribeirinho e o ribeiro da Bouça.

A implantação de Drave isola-a das restantes povoações e os seus acessos são unicamente pedonais. O primeiro percurso é feito através da montanha, a sul da aldeia, havendo um outro, através da aldeia mais próxima - Regoufe, a 4 km de distância.



Figura 1- Drave vista do cimo da montanha. Fotografia da autora, 2022.



Figura 2- Os edifícios implantados em socacos de xisto. Fotografia da autora, 2022.

Evolução

A origem do nome da aldeia é desconhecida. Existem referências que se assemelham ao nome Drava: Drava, Dravus, Dravo, Drauss, Drab, nomes de rios ou associações de nomes de plantas e animais subaquáticos. Crê-se que a aldeia tenha sido procurada pela existência de vários cursos de água e pela fertilidade dos terrenos, que permitiam a subsistência dos seus povos; pelo isolamento social que conferia ou, ainda, pelos recursos minerais que oferecia. O documento mais antigo referente a Drave é a Inquirição dos Reguengos da Beira, nos tempos de D. Dinis (1279 – 1325).

A vivência da aldeia relacionou-se sempre muito com a natureza. O dia começava com o raiar do sol que ditava a hora do despertar. As pessoas dedicavam-se à agricultura e ao gado. Trabalhavam as terras de acordo com as estações; cultivava-se milho, feijão, centeio, batata, hortícolas, videiras e forragens para os animais. As pessoas recorriam à policultura, alimentavam-se do que a terra produzia e tentavam sempre que possível vender o excesso nas feiras das terras vizinhas. Alimentavam-se essencialmente de feijão, batata e hortícolas. Produziam centeio e milho que secavam nos espigueiros, debulhavam manualmente e moíam nos moinhos de água para fazer pão. O folhelho e as canas alimentavam o gado, e o carolo e os casulos eram usados nas fogueiras que aqueciam as casas.

As uvas eram pisadas nos lagares para fazer o vinho e as azeitonas esmagadas para produzir azeite. Alguns dos Martins, a maior família da aldeia, dedicavam-se à apicultura. Tinham vários cortiços, cobertos com tampos de lousa, nas encostas, protegidos pelos rochedos. Os incêndios eram prejudiciais na produção do mel, uma vez que as abelhas perdiam a sua fonte de alimentação: a flor do eucalipto, do tojo e do castanheiro.

Desabitada desde 2009, a aldeia encontra-se em ruínas praticamente no seu todo. Sem eletricidade, água canalizada, gás, correio e comunicações, o seu acesso, unicamente pedonal, é percorrido por amantes da natureza. Atualmente, Drave mantém o seu carácter e parece aos poucos renascer. A aldeia tem sofrido intervenções, desde 1992, pelo grupo de escuteiros e é, por isso, a Base Nacional da IV Secção do Corpo Nacional de Escutas. As intervenções prendem-se essencialmente com a recuperação de edifícios, com a construção de abrigos e de espaços de apoio à aldeia. A base é usada para atividades e encontros do movimento, sendo possível aos escuteiros acampar ou pernoitar na aldeia.²

2- Drave Rover Scout Centre. Consultado a 5 de abril. Disponível em: <https://drave.escutismo.pt/aldeia/historia/>.



Figura 3- Memórias do quotidiano dos habitantes de Drave. Fotografias de Rui de Carvalho, 1997.

Forma da aldeia

A aldeia de Drave, construída essencialmente em xisto, implanta-se no fundo de um vale, isolada e rodeada por serras que se ‘vestem’ de rosa, verde ou dourado, consoante a estação do ano.

A sua proximidade com o rio Palhais, o ribeiro e o ribeirão da Bouça, faz dos seus terrenos muito férteis, sendo esta característica essencial para a sua origem, uma vez que as principais atividades da sua população se centravam na agricultura e na criação de gado.

É neste contexto rio-montanha que se desenvolve e cresce Drave. A aldeia é constituída por dois aglomerados de edifícios dispersos – esta é uma característica chave da sua forma geral. Os dois aglomerados ficam separados pelo rio, sendo unidos por uma única ponte. O núcleo principal situa-se a este do rio e corresponde à zona central da povoação. Inclui edifícios comuns (casas), edifícios especiais (como a capela, o moinho e os lagares) e alguns currais, muitas vezes associados às habitações. O segundo núcleo, a oeste do rio, corresponde aos currais dos animais. Fica no cimo de um monte e destaca-se na paisagem pelo seu cruzeiro branco.

Nos dois núcleos, as construções agrupam-se em diferentes plataformas, com diferentes altitudes, que se adaptam de modo notável à topografia. De facto, a aldeia organiza-se num tecido muito irregular e orgânico, condicionado pelo relevo da montanha e as suas parcelas são muito distintas umas das outras. A maioria apresenta uma ou várias casas aglutinadas, percursos entre as edificações e espaços naturais, geralmente rochosos, que se mantiveram inalterados. O posicionamento dos edifícios, aliado às características do terreno define os espaços públicos, as ruas e os caminhos que ligam as casas umas às outras.

Ruas

As ruas (no sentido lato da palavra) de Drave distinguem-se pela sua organicidade. Têm forma irregular, adaptam-se e acompanham a topografia do terreno, contornando as montanhas nos pontos de menor altitude. A rua principal atravessa toda a aldeia, liga os seus dois núcleos e é o único caminho que conecta as aldeias de Drave e Regoufe. A partir dessa surgem outros caminhos de menor largura, que a ligam aos campos e montes, ao rio e aos currais.

Existem ainda alguns caminhos mais estreitos, geralmente transversais e, por vezes, cercados, que unem os diferentes edifícios. Nos locais onde a altura a vencer entre patamares é demasiado elevada, surgem escadas ou socalcos, ou são usadas simplesmente as rochas originais. Acima do rio, foi também construída uma ponte que conecta os dois aglomerados da aldeia (conforme foi referido). É construída em xisto, com um arco de volta perfeita, e fica associada à rua principal.

As pedras características da região são usadas e posicionadas para o pavimento dos caminhos. Desenhados com função pedonal ou para a passagem de carros de bois, as ruas podem assumir larguras muito reduzidas, inclinações íngremes e pavimentos muito desnivelados. O seu desgaste ao longo dos anos aplanou ligeiramente as ruas principais e deixou marcas dos carros de bois e da erosão da água nas rochas do pavimento.



Figura 4- Planta de cheios e vazios. Desenho de Cassilda Baptista, 2019.

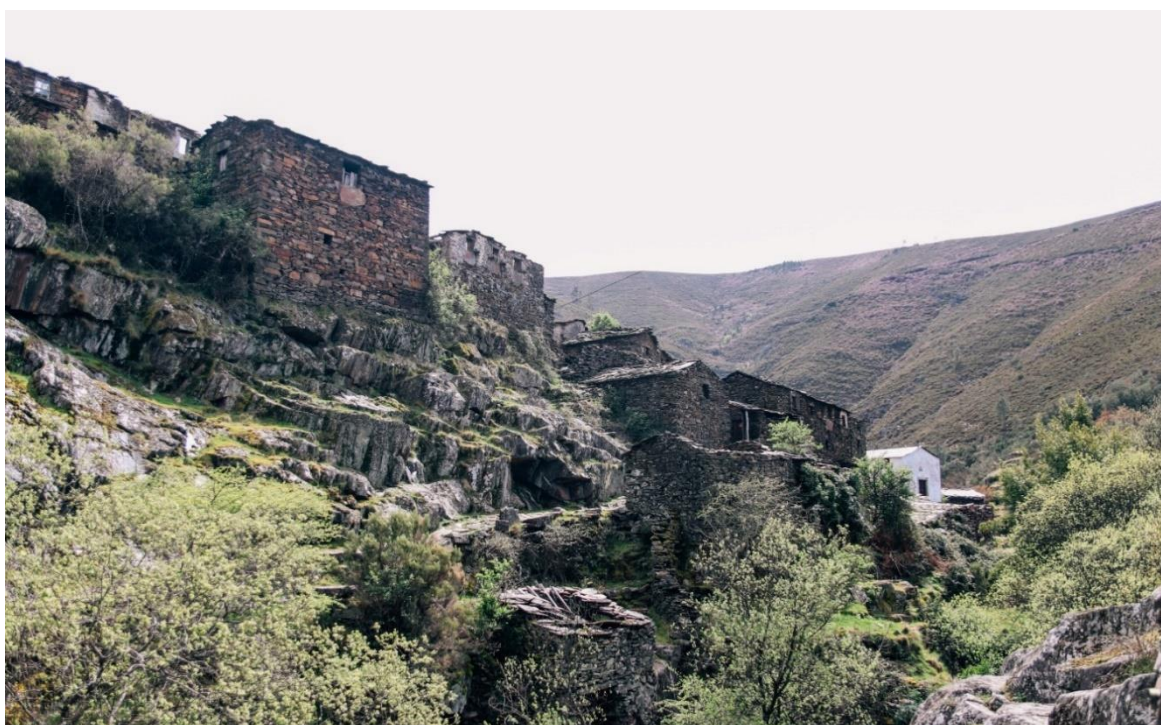


Figura 5- As ruas, as casas e a vegetação. Fotografia da autora, 2022.



Figura 6- Planta de Drave (sem escala). Desenho de Cassilda Baptista, 2019.

Edifícios

A aldeia é composta essencialmente por edifícios de habitação e currais, em alguns casos associados no mesmo edifício. Os edifícios ficam dispersos pela aldeia, agrupados em pequenos conjuntos e têm plantas com formas diversificadas, desenhadas de acordo com os desníveis do terreno. Existe uma grande homogeneidade entre os edifícios, apresentando distribuições e técnicas construtivas muito semelhantes entre si. As dimensões das plantas variam entre 4 e 6m de largura, por 4 a 15m de comprimento; e as alturas das fachadas variam entre 3 e 6m de altura, dependendo não só do número de pisos, mas também do local de implantação. As casas são em alvenaria de xistos e grauaques, com paredes irregulares, pouco trabalhadas e espessas, com 70 a 80cm, de acordo com as rochas disponíveis na região. Para fazer o travamento da construção, eram usadas as rochas mais resistentes e de maiores dimensões nas ombreiras, lintéis, peitoris e soleiras. As janelas são, na sua maioria, quadradas e de reduzidas dimensões, com cerca de 50 x 50cm. Excetuam-se as janelas do Solar dos Martins (edifício singular), maiores e com um formato retangular. As coberturas, em lajetas de xisto, podem ter uma ou duas águas. A estrutura que a suporta é feita com asnas de madeiras entrelaçadas.

Os edifícios ficam, muitas vezes, encastrados nas rochas e podem conter um ou dois pisos, (conforme referido), consoante a sua função e implantação. As casas que apresentam dois pisos têm geralmente no piso inferior um curral (cerca de vinte casas) ou zonas de serviço (palheiros, adegas, lagares, zonas de armazenamento de lenha, por exemplo - cerca de 4 edifícios). Esta separação vertical deve-se ao relevo do terreno e permite vários acessos ao mesmo edifício (o piso inferior é acedido pelo caminho principal e o piso superior por um caminho secundário). O piso de cima correspondia à zona habitável, composta essencialmente por cozinhas ou fornos, quartos ou salas. Na cozinha, um alçapão permitia alimentar os animais do piso inferior. À exceção deste alçapão, não havia comunicação entre os dois pisos. A utilização do piso térreo para o gado era uma estratégia de aquecimento da casa e de otimização da área disponível para a construção.

Em Drave destaca-se o Solar dos Martins, a casa da principal família da aldeia. A casa é a maior, a única caiada, com uma posição central na aldeia e seguia a mesma tipologia das anteriores. Para além dos Martins, era habitada pelo padre, pela sua proximidade à capela.

Além destes edifícios, observam-se edifícios térreos que são unicamente habitações ou currais. As casas de um piso localizam-se nas zonas mais planas da aldeia.

Currais

A ponte do rio, os currais, associados ou não a casas, têm uma divisão única, com uma pia e acessórios para o gado. O chão corresponde ao relevo natural e aos materiais pré-existentes, rocha e terra batida. Não têm aberturas, à exceção da porta e, por vezes, apresentam grandes rochas, parte integrante da montanha, onde a construção se encastra.

Além destes, existem mais 14 currais no núcleo a este do rio. Este conjunto de edifícios é composto essencialmente por construções com esta função. São edifícios de pequenas dimensões, cerca de 6 x 5m, com plantas quadriláteras ou pentagonais. Situam-se distantes da aldeia, no cimo do monte, por vezes agrupados, junto aos campos. Existem ainda, neste conjunto, duas habitações, uma independente e outra associada ao abrigo dos animais.

Os currais, semelhantes aos restantes edifícios, pela sua materialidade, forma e volume, adaptam-se aos caminhos e ao relevo e composição dos terrenos onde se implantam. São construídos em locais menos propícios à construção de habitações, pela pendente, localização e características do terreno.



Figura 7- Planta de usos (sem escala). Desenho de Cassilda Baptista, 2019.



Figura 8- Pormenores da aldeia. Fotografias da autora, 2022.

Edifícios especiais e equipamentos

Apesar de a grande maioria dos edifícios serem habitações ou currais, existem edifícios de exceção, observados no núcleo central da aldeia, onde a diversidade de usos é maior.

Destaca-se a capela de Nossa Senhora da Saúde, pelo seu posicionamento (numa plataforma alta e central da aldeia) e, principalmente, pelo seu acabamento caiado branco. A cobertura da capela, inicialmente com telha cerâmica, distinguia-se da cobertura das construções envolventes. Atualmente em xisto, a cobertura contém duas cruzeiras nos vértices mais altos. A capela fica na direção do cruzeiro caiado, que se situa junto ao segundo núcleo, onde se encontram os currais. Por tradição, todos os anos se realiza uma procissão da capela ao cruzeiro, no dia 15 de agosto, o dia da Nossa Senhora da Saúde.

Associados às habitações, foram ainda criados anexos de apoio, como moinhos, palheiros, espigueiros e lagares, que se assemelham às restantes edificações. Os dois espigueiros de dimensões generosas serviam toda a aldeia e localizavam-se na zona mais baixa, à entrada do aglomerado. Atualmente resta apenas um deles. Os espigueiros tinham como objetivo secar as espigas de milho e, por isso, eram espaços protegidos da chuva com estruturas de ripados verticais de madeira, elevados através de pedras de granito de grandes dimensões que funcionavam como base para o espigueiro e que deixavam o milho inalcançável para os roedores. A sua cobertura tinha uma estrutura de madeira revestida a xisto. O ripado permitia que a luz e o calor do sol entrassem no espigueiro e secassem o milho, mais tarde usado para fazer farinha ou para alimentar o gado.

Associadas ao rio encontram-se duas azenhas, moinhos de água que moíam o milho, para a confeção de pão. Eram ainda usadas para encaminhar a água do rio e para regar os campos nas estações mais secas. Distinguem-se dos restantes edifícios, pelas reduzidas dimensões, cerca de 4m² por piso.

Foram construídos também quatro lagares: três privados e um deles comunitário. Eram usados na produção do azeite e do vinho, e podiam ser alugados por outros moradores. Os lagares consistiam em pios retangulares de xisto ou granito, com prensas que permitiam triturar as azeitonas e as uvas. No caso do vinho, efetuava-se a pisa da uva.

A aldeia era abastecida por água em dois fontanários, que canalizavam a água da nascente. Um deles localizava-se no centro da aldeia, junto ao Solar dos Martins e o segundo, junto às habitações que se encontram a noroeste. Foi criado um terceiro fontanário, recentemente, pelos escuteiros da base.



Figura 9- Capela de Nossa Senhora da Saúde. Fotografia da autora, 2022.



Figura 10- Espigueiro. Fotografia da autora, 2022.

A aldeia e a relação entre forma construída e espaço natural

Conhecer Drave é conhecer a memória de uma aldeia que comunga com a natureza, uma aldeia 'invisível', camuflada nas serras que a rodeiam. Os dois pontos brancos que se avistam ao longe, transformam-se em aldeia, à medida que se fica mais próximo. Uma aldeia que se distancia do resto e se implanta no silêncio, na sombra, uma aldeia que dá vida a montanhas rochosas cobertas de vegetação rasteira.

As marcas dessa vivência começam no desgaste das ruas, causado pelas rodas dos carros de bois e espalham-se por toda a povoação. Em Drave, a natureza está no tecido da aldeia, na escolha dos locais de implantação dos edifícios e na sua adaptação à topografia. A utilização sábia das rochas nas construções é um exemplo de arquitetura que privilegia os recursos locais e as necessidades básicas dos seus habitantes, criando uma fluidez com o que a rodeia.

A natureza está também no quotidiano dos seus habitantes, deste o raiar do sol até que se deita. A agricultura, a criação de gado e todos os trabalhos que geram alimento. O cuidar, colher, tratar e transformar nas azenhas, nos espigueiros e nos lagares, testemunham uma vida simples, árdua e próxima do ambiente natural. Uma vida de poucos recursos, que valoriza e respeita o que a natureza oferece. Um exemplo de sustentabilidade ambiental, onde tudo é natural, onde tudo tem uma função e nada se desperdiça.

A aldeia que tinha vida, hoje é um conjunto de edifícios e de ruelas que se esbatem na paisagem, é hoje uma 'aldeia fantasma'. Ficam as suas ruínas, o som do vento e das cascatas. Fica uma aldeia especial, com valor histórico e que procura lentamente renascer. A Drave, a aldeia que foi e continua a ser 'a aldeia mágica'.

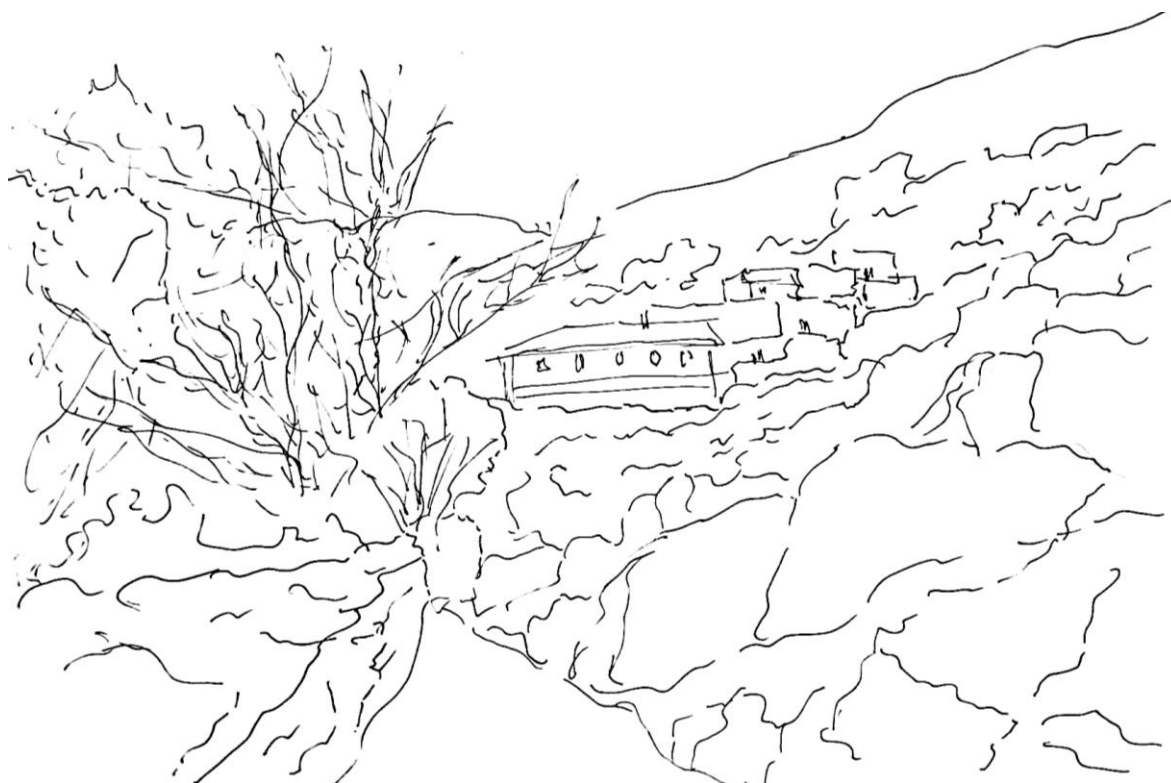


Figura 11- Esquisso de Drave. Desenho da autora, 2022.

*“Arde-me não poder ter estado aqui
a rir de riso o cabo de um arado.*

*Arde-me não ter sido aqui
a encosta lavrada de mim própria,
plantada de cheiro de mãos e de vida.*

*Dói-me o tempo não ser espiral
e eu não chiar na roda da charrua.*

*não ser o eco do meu latido
o cheiro fétido desse estrume
o resto do vaso poisado no beiral.*

*Arde-me não ser eu a pedra,
a porta o pilar e a telha
não ser mais do que o sonho de o ser
no espaço íntimo,
o sono dessas mesmas realidades.”*

CASTRO, Maria José; Carvalho, Rui, co-autor –
Drave: o rosto das palavras. Contemporânea, 2001

III. Amarante

Enquadramento geológico

O concelho de Amarante localiza-se na bacia do Tâmega, afluente do rio Douro, e tem a maioria da sua superfície abaixo dos 600 metros de altitude. A cidade tem origem na margem esquerda do rio, num vale rodeado por montanhas e colinas, que é consequência de uma falha de orientação NE-SO, possível causa para o desvio do canal do rio para noroeste.

O solo é maioritariamente formado por uma mancha de granito de idade Hercínica e de grão grosseiro, e é essa litologia que confere a limpidez e a coloração verde azeitona do rio.³ Associada à hidrodinâmica fluvial, nomeadamente à sedimentação e deposição do granito verifica-se a presença de praias fluviais e de ilhas, bancos detríticos que se manifestam ao longo do Tâmega. A região apresenta, por isso, diversos habitats ribeirinhos, tais como matas, manchas de floresta mista, rochas nuas, falésias interiores, áreas agrícolas, e pequenos núcleos de vegetação autóctone.⁴

Na sua envolvente, destaca-se a Serra da Aboboreira, ponto de encontro de três concelhos: Amarante, Baião e Marco de Canaveses. Na zona da serra, com uma altitude entre os 920 e 940 metros, foram encontrados monumentos megalíticos, evidências da densidade e da antiguidade do povoamento na região. Esta Serra é uma das manifestações da orogenia hercínica e alpina e da atividade tectónica local.

3- Martins, L. Gomes, E. Neves, L. Sousa, L. Oliveira, A. *Dados preliminares da radioatividade natural na região de Amarante (Norte de Portugal)*. GEOTIC: VIII Congresso Nacional de Geologia. 2010.

4- Costa, F. *O rio e a cidade: contributo para o estudo da qualidade ambiental do rio Tâmega na sua passagem pelo centro urbano de Amarante*. Porto: Faculdade de Letras. 1999.

Localização

O concelho de Amarante é, em termos de área, o maior concelho do distrito do Porto, com 30 000 hectares de superfície. Faz fronteira com os distritos de Braga e Vila Real. Caracteriza-se principalmente pelos seus recursos hídricos, que resultam num concelho com terrenos muito férteis e com uma vegetação rica e diversificada, essenciais para a atividade económica local. O concelho desenvolve-se a partir do Rio Tâmega, que o atravessa na sua totalidade, no sentido SO-NE, e tem como principais afluentes os rios Ovelha, Olo e Odres.

Com um relevo diversificado, a cidade de Amarante apresenta, na sua generalidade, uma altitude baixa, situando-se num vale rodeado pelas serras do Marão, Meia Via e parte da Serra da Aboboreira. A presença do rio e a proximidade ao oceano, combinadas com a localização destas serras, pontos mais altos e paralelos ao mar, conferem ao concelho um clima atlântico, ameno e húmido.⁵

A área de estudo neste capítulo é uma parte da cidade de Amarante, no centro do concelho. Integra a União de Freguesias de Amarante (São Gonçalo), Madalena, Cepelos e Gatão e corresponde ao núcleo a partir do qual se desenvolveu a cidade – o centro histórico, junto à ponte de São Gonçalo.

5- Diebel, J, Kretchmer. Orla, Norda. J, Weather Spark. *Clima e condições meteorológicas médias em Amarante no ano todo*. Consultado em 27 abri. 2022. Disponível em: <https://pt.weatherspark.com/y/32490/Clima-caracter%C3%ADstico-em-Amarante-Portugal-durante-o-ano>.



Figura 12- Área de estudo. Imagem do Google Earth.



Figura 13- A igreja e a ponte. Fotografia da autora, 2022.

Evolução

Amarante é uma das mais antigas povoações do norte de Portugal. Originada nos povos primitivos da serra da Aboboreira, a região tem vindo a ser habitada desde a Idade da Pedra. Existem evidências de povoamento da Idade do Bronze, mas é da ocupação romana que se encontram mais vestígios na cidade. Deste período resultaram a ponte e uma via principal, que hoje se desdobra nas ruas 31 de janeiro e 5 de outubro, que representam as zonas comercial e histórica da cidade. Os primeiros edifícios construídos em Amarante foram albergarias, por ordem da rainha D. Mafalda, e tinham como função alojar os viajantes, principalmente os mais desfavorecidos, nas zonas menos povoadas.

Apesar da sua origem anterior, Amarante cresceu aquando da chegada de São Gonçalo (1187-1262), que se viria a tornar numa das principais figuras da cidade, pela forma como convertia e conduzia o povo na vida cristã. São Gonçalo foi o responsável pela construção da Ermida onde ficou sepultado, onde se encontram hoje a Igreja e o Convento de São Gonçalo, mandados edificar, no século XVI, por D. João. Para além da Ermida, a figura de São Gonçalo está relacionada com a ponte medieval, no séc. XIII, ficando popular por angariar donativos e por milagres relacionados com a sua construção. Essa ponte, semelhante à atual, tinha três arcos de volta perfeita e um tabuleiro de 63m, ameado nas laterais e as imagens de Cristo Crucificado e a da Senhora da Ponte. A única ponte em Amarante, segundo as Inquirições de 1250, ruiu devido a uma cheia do rio Tâmega, em 1763. No mesmo local foi construída a atual ponte de São Gonçalo, já em 1790, por Carlos de Amarante. Ficou marcada por ter sido palco de combates durante a invasão francesa, em abril de 1809, quando durante 14 dias as tropas portuguesas barraram a passagem das tropas francesas, comandadas pelo Marechal Soult. Ainda hoje se observam vestígios desse combate, nas marcas de balas nas torres a nascente da ponte.⁶

Já no séc. XX, verificaram-se intervenções no centro histórico da cidade e a cidade começou um processo de expansão, que ainda hoje continua. Os socacos e as escadas junto ao Convento de São Gonçalo deram lugar à Alameda Teixeira Pascoaes e, só mais tarde, ao Mercado Municipal; e a fonte de São Gonçalo, inicialmente junto ao rio, foi trasladada para a fachada este do Convento.

Na década de sessenta, o centro urbano de Amarante, ainda com áreas ruralizadas, começou a expandir-se rapidamente. Esta urbanização continuou nas décadas seguintes, havendo um alargamento da mancha urbana na margem esquerda do rio.

Na década de oitenta construíram-se os edifícios de maior volumetria, complexos habitacionais e novos bairros.

6- Serena, I, Dordio, P. (1994). Ponte sobre o Tâmega / Ponte de São Gonçalo. Consultado em 3 maio. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3885.



Figura 14- "Planta para a reedificação da memoravel Villa D'Amarante". Joaquim Carvalho, 1116.



Figura 15- Vista de Amarante no início do Séc. XX. Alfredo Osório, 1900.

Forma urbana

Implantada nas margens do Tâmega, a cidade tem como ponto de partida a ponte de São Gonçalo e desenvolve-se essencialmente no sentido longitudinal, paralelo ao rio. Com um tecido urbano irregular, a cidade é consequência de uma expansão lenta. O seu crescimento desigual, inicialmente para noroeste, e mais tarde para nordeste, resulta numa maior concentração de edifícios na margem esquerda, que pode justificar-se quer pela exposição solar mais favorável que proporciona aos edifícios que se voltam para o rio; quer pela maior facilidade construtiva associada ao relevo menos acidentado.

O tecido edificado de Amarante, resulta precisamente das características que o terreno oferece. Os edifícios procuram adequar-se à topografia e obedecer às limitações que o rio impõe. Dão preferência às zonas planas e às cotas suficientemente altas para não serem afetados por cheias, beneficiando ainda de muros de suporte de granito que garantem a fixação do terreno das margens.

Na zona norte, os quarteirões são grandes e tipicamente medievais, com edifícios na periferia das parcelas, libertando o espaço interior para logradouro. As parcelas dos edifícios próximos do rio integram os campos, à cota mais baixa, pela sua maior fertilidade e abundância em água. Estes edifícios ficam aglomerados, com estrutura linear, paralelos ao rio, sobrepondo-se, muitas vezes, ao limite da margem.

Na zona sul, os edifícios localizam-se maioritariamente adjacentes à Rua 31 de Janeiro, e assemelham-se estruturalmente aos da margem oposta, procurando tirar o maior proveito do espaço e da paisagem, sobrepondo-se, por vezes, ao rio. A oeste da ponte, a malha urbana é mais fragmentada, com poucos edifícios, geralmente de serviços, como é exemplo o Hotel Casa da Calçada. Nesta zona, os edifícios localizam-se na extensão do rio, com parcelas longitudinais que contornam a zona mais alta de Cepelos.

Ruas

As ruas da cidade de Amarante são genericamente estreitas e irregulares. A zona histórica desenvolve-se essencialmente a partir de três ruas: 5 de outubro, General Silveira e 31 de janeiro. A primeira, a norte do rio, permite a comunicação entre o centro histórico e as habitações na zona oeste, onde se desenvolve a cidade. Liga-se à ponte, à Alameda Teixeira de Pascoaes, a oeste, e à Rua Frei José Amarante, a norte, junto à Igreja de Nosso Senhor dos Aflitos. A oeste comunica com as Ruas Teixeira de Vasconcelos e Cândido dos Reis.

A zona norte do rio caracteriza-se precisamente pelas suas ruas estreitas, irregulares, e inclinadas, especialmente junto ao centro histórico. Estes percursos medievais contrastam com o Largo de São Gonçalo e a Alameda Teixeira de Pascoaes, espaços amplos e luminosos, utilizados, muitas vezes, para feiras e atividades culturais. As duas praças enquadram os edifícios religiosos e permitem uma visão mais alargada sobre a cidade. São espaços destinados à contemplação da cidade e do rio, ao lazer, e permitem uma interação maior dos seus habitantes.

A sul do rio, existem menos ruas, por se tratar de uma zona menos habitada. Junto à ponte, existe um cruzamento de ruas que distribuem em diversos sentidos: a Avenida General Silveira e a Rua 31 de janeiro, ambas paralelas ao rio; e a Calçada do Calvário, que faz a ligação a Cepelos.

Para além destes acessos, existem ainda, nas duas margens e numa cota mais baixa, percursos essencialmente pedonais. Estes caminhos ligam-se aos terrenos dos edifícios e a ruas estreitas e inclinadas, ou até mesmo escadas, que comunicam com os pontos mais altos e centrais da cidade. Na zona norte, parte desse percurso foi intervencionado, existindo porções com passadiços metálicos que permitem a comunicação ao longo de toda a margem. Na margem oposta, o caminho junto ao rio liga-se, a sudoeste ao Parque Florestal e às Piscinas Municipais, que contemplam uma zona de estacionamento, e termina, ainda antes da ponte de São Gonçalo, ligando-se à Avenida Gen Silveira, através de umas escadas. Estes caminhos permitem uma vivência diferente da cidade. Quem os percorre vive uma experiência mais próxima do rio e das suas margens. A ponte, observada sob um novo ângulo, ganha preponderância e monumentalidade. A perceção da cidade é reduzida, evidenciando-se a paisagem da outra margem, emoldurada pelo céu e pelo Tâmega, que reflete o que o rodeia.

Ponte de São Gonçalo

Estrategicamente posicionada na zona mais estreita do rio, é a partir da ponte que se ramificam as ruas da cidade. Erigida no séc. XVIII, foi projetada pelo arquiteto Carlos Amarante no local onde se havia implantado a ponte medieval, numa cota elevada, para proteger a cidade das cheias e permitir que esta se desenvolvesse de forma mais plana.

Assemelha-se à estrutura que a antecedeu, com alvenaria de pedra de granito, à semelhança dos edifícios e muros de contenção, que dispõem desta rocha local. O seu tabuleiro, com cerca de 50 metros de comprimento, assenta em três arcos de volta redonda de diferentes dimensões, sendo o do meio o maior. Os três arcos maciços apoiam-se em quatro pilares, dois no rio e dois adoçados a cada uma das margens, permitindo o atravessamento de barcos quer a montante, quer a jusante do rio.

No parapeito da ponte localizam-se quatro varandins semicirculares que se sobrepõem aos pilares e permitem a contemplação do rio. Ficam adornados com duas cornijas nos topos do semicírculo e têm uma guardaria em granito, mais baixa, que serve de banco. Nos topos da ponte encontram-se dois pares de pináculos piramidais barrocos facetados, assentes em esferas, que realçam a transição entre as margens e a ponte.⁷

A ponte é, por isso, mais do que um acesso. A ponte é um monumento robusto pensado com detalhe e delicadeza para ser vivido pelas pessoas e conectar-se com os elementos urbanos anteriores, através do seu posicionamento e materialidade. Representa a entrada na cidade, sublinhada pelos pináculos que lhe conferem um ar de pórtico. Permite que a cidade ganhe mais ênfase pela forma como introduz e enquadra a Igreja de São Gonçalo e os restantes edifícios históricos que sobem a colina. A ponte representa um lugar de transição e de ligação entre espaços, um lugar contemplativo, de repouso e de passeio, e de maior proximidade com o rio.

7- Serena, I, Dordio, P. (1994). *Ponte sobre o Tâmega / Ponte de São Gonçalo*. Consultado em 3 maio. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3885.



Figura 16- Planta de Amarante. Desenho da autora, 2022.



Figura 17- Percurso pedonal junto ao rio. Fotografia da autora, 2022.

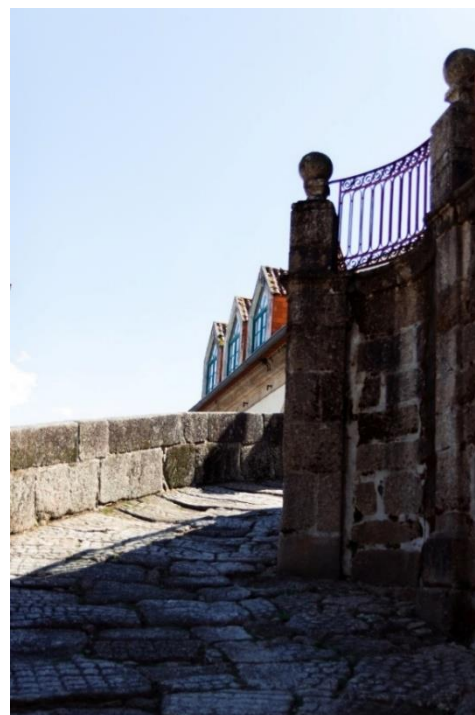


Figura 18- Rua Frei José Amarante. Fotografia da autora, 2022.

Edifícios

Os edifícios deste núcleo urbano são essencialmente edifícios tradicionais, com origens que remontam aos séculos XIII a XVI (ainda que não necessariamente os mesmos edifícios). São construções contíguas, em banda, e faceados com a rua, a uma cota alta, de forma a protegerem-se do rio, a adaptarem-se ao relevo e a procurarem a melhor exposição solar.

São essencialmente casas de dois a quatro andares, com um volume vertical, com cerca de 5 x 12m, com duas ou três portas, janelas ou varandas de frente. São edifícios estreitos e altos, de forma a tirar o maior proveito da relação com o rio, e devido a limitações construtivas. Estruturadas em alvenaria de granito, as suas dimensões regem-se pelas dimensões máximas de pedras neste material, que impediam que fossem edifícios mais largos. O granito observa-se em alguns edifícios totalmente exposto, e noutros casos, nas molduras das portas e janelas. Por vezes, as paredes do último andar são de tabique e é evidenciada a madeira pintada nas molduras das aberturas. Têm normalmente uma varanda corrida avançada relativamente à rua sobre uma falsa cornija, protegidas com gradeamentos de ferro ou com madeira pintada.

Geralmente habitacionais e voltados para a rua, incluem no piso térreo lojas de comércio ou serviços que, aliadas ao reduzido tráfego das ruas, são procuradas pelos habitantes ou turistas que passeiam pela cidade. Na zona norte, o piso térreo tem usos mais diversificados, mas na margem sul, na Rua 31 de janeiro, é geralmente ocupado por restaurantes que tiram proveito das varandas das traseiras, sobrepostas ao rio, e fazem delas esplanadas.



Figura 17- Vista sobre a Rua Teixeira de Vasconcelos. Fotografia da autora, 2022.



Figura 18- Edifícios da margem direita do rio. Fotografia pela autora, 2022.

Edifícios especiais e equipamentos

A área de estudo inclui edifícios classificados que se distinguem pela sua monumentalidade ou valor histórico. De todo o conjunto sobressai a Igreja de São Gonçalo, com o qual se depara inevitavelmente quem atravessa a ponte ou quem se aproxima do centro da cidade. Tem um posicionamento estratégico central no topo da margem do Tâmega e estabelece, por isso, uma relação de forte proximidade com o rio e a ponte. Destaca-se pela sua dimensão monumental e pelo significado que representa para a história da cidade e para os amarantinos.

Com uma planta em forma de cruz latina e um zimbório no centro do transepto, tem uma orientação tradicional, no sentido oeste-este, com a capela-mor voltada para o rio. É um edifício em granito à vista que, por um lado, se distingue dos edifícios rebocados que o rodeiam, e por outro lado, se assemelha à ponte e aos muros de contenção das margens, dando uma ideia de continuidade entre os elementos urbanos da zona histórica.

O seu longo período de construção, iniciado em 1540, por ordem de D. João III, confere-lhe características de vários estilos arquitetónicos, como o renascimento, o maneirismo e o barroco. A entrada é feita através da fachada norte, numa zona estreita e sem saída, mas é a fachada lateral a mais imponente. Voltada para a Praça da República, apresenta um portal ornamentado, com estátuas de santos; e uma *loggia*, a "Varanda dos Reis", onde se encontram as estátuas dos reis benfeitores na construção.

Associado à Igreja, a norte, localiza-se o antigo convento de São Gonçalo e atual Museu de Amadeu de Sousa Cardoso. O museu é rebocado e apresenta uma planta retangular longitudinal, com dois claustros. Outrora implantado no topo da escarpa do rio, o antigo convento voltava-se para o rio e para os campos agrícolas das suas margens. O edifício, com janelas quadradas emolduradas com granito permitiam, por um lado, uma boa exposição solar e, por outro, a contemplação privilegiada do rio.

Atualmente voltado para a alameda, o edifício foi intervencionado pelo arquiteto Alcino Soutinho, que o adaptou para fins museológicos. Na fachada do convento, encontra-se a Fonte de São Gonçalo, transladada no séc. XX, da margem do rio para o convento.

Do conjunto evidencia-se também a Igreja de São Domingos, ou Igreja de Nosso Senhor dos Aflitos, construída pela Ordem Terceira de São Domingos, no século XVIII. De forma a acompanhar o relevo da região, localiza-se numa cota mais alta e é acedida através de um caminho pedonal inclinado, que tem início no Largo de São Gonçalo. A igreja de fachada barroca inclui um Museu de Arte Sacra, onde se encontra o legado patrimonial religioso, destacando-se a imagem de Nosso Senhor dos Aflitos, que lhe dá o nome.

Na margem direita, sobressai a Casa da Calçada. Atualmente um hotel, o edifício data do século XVI e foi construído para ser um dos palácios do Conde do Redondo. Nele se instalaram os comandos aliados de Portugal e Inglaterra, durante as invasões francesas e, mais tarde, foi um espaço de encontro entre intelectuais e políticos do século XX, por pertencer a um dos principais políticos da Primeira República. Destaca-se pela sua volumetria oponente e pela cor amarelada. É um edifício com 5 pisos, paralelo ao rio e é a principal volumetria da zona a este da ponte, na margem direita do Tâmega.

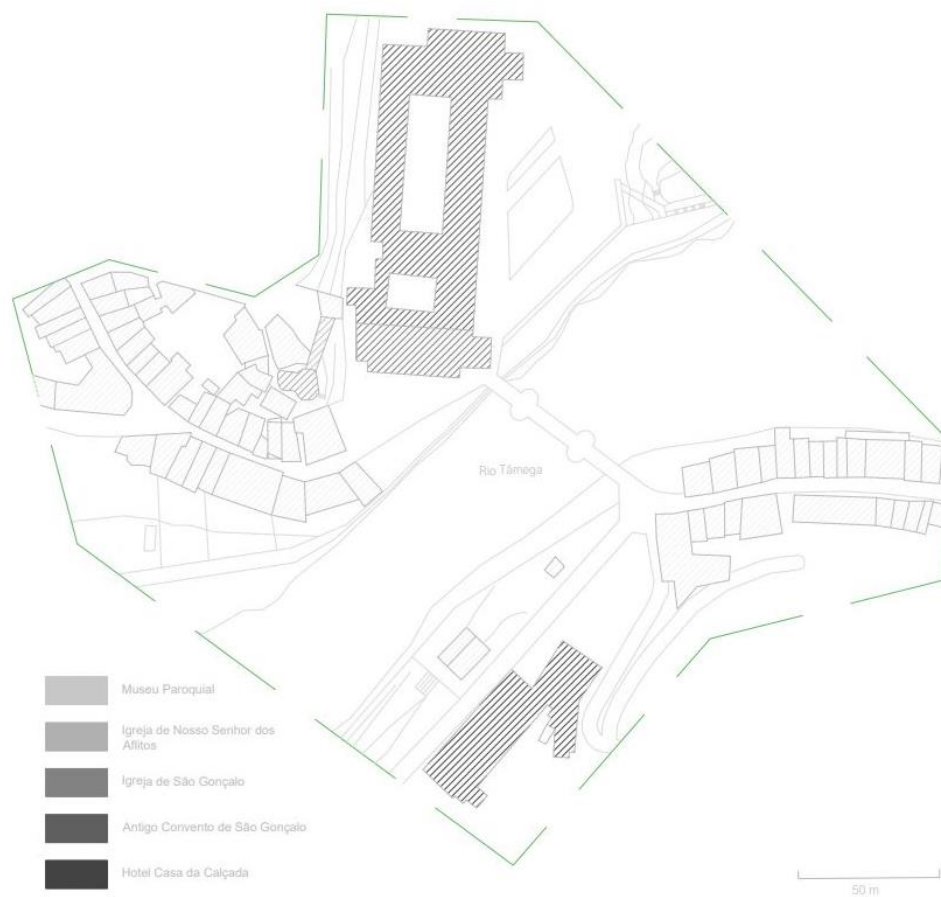


Figura 19- Planta de Edifícios Especiais. Desenho da autora, 2022.



Figura 20- A ponte, o reflexo da cidade. Fotografia da autora, 2022.

A praça e a relação entre forma construída e espaço natural

Percorrer Amarante é ser seduzido simultaneamente pela sua história, arquitetura e natureza. Uma cidade implantada estrategicamente num vale banhado pelo rio, fruto da proteção das colinas que a encerram, vive do clima húmido e ameno e da vegetação autóctone das suas margens.

Este assentamento urbano estabelece um diálogo com o Tâmega e pode até afirmar-se que o desenho do rio é a matriz que determina o seu traçado. A ponte, na zona mais estreita do rio, transforma-se no eixo central da cidade e estende-se pela antiga via romana, a base do atual tecido urbano. Ramificada sobre a encosta que envolve o núcleo urbano, adapta-se de forma natural à topografia da região.

A cidade é feita de percursos e diferentes cenários. É atravessar a ponte e deparar-se com a monumentalidade dos seus edifícios históricos em escada, ou percorrer ruas estreitas, sombrias e irregulares e acabar num largo amplo e luminoso. É ter o privilégio de caminhar junto ao rio e não ter percepção da dimensão da cidade, contactar simplesmente com o rio, com a frescura e sombra das árvores, e com a paisagem da outra margem.

Amarante resulta na combinação fluida e harmoniosa destes contrastes, conseguida pela utilização generalizada do granito, a rocha local, pela lógica construtiva dos edifícios, e pela forma criteriosa de combinação e posicionamento dos elementos no tecido urbano.

Uma cidade em constante transformação, que se urbaniza, procurando manter as suas raízes, o seu legado histórico e arquitetónico, tirando partido das características naturais que fizeram dela povoação. Uma cidade que justifica a popular designação de “princesa do Tâmega”, pela forma nobre com que se deixa vincular, obedecendo aos princípios do rio que a originou.



Figura 21- Esquisso de Amarante. Desenho da autora, 2022.

*"Sem esta terra funda e fundo rio,
Que ergue as asas e sobe, em claro voo,
Sem estes ermos montes e arvoredos,
Eu não era o que sou."*

Pascoaes, T. Canção de uma sombra, 1907.

IV. Casa de Chá da Boa Nova

Enquadramento geológico

A região de Matosinhos caracteriza-se pela sua diversidade geológica. Insere-se na Zona de Cisalhamento Porto-Tomar, que divide dois tipos de conjuntos litológicos diferentes: a nordeste, o Complexo Xisto-Grauváquico e Granito do Porto; e a Sudoeste, as rochas de natureza metassedimentar e ortognaisses.⁸

As rochas magmáticas predominam no território, observando-se uma grande mancha de rocha granítica que, com um elevado grau de alteração, pode meteorizar-se, sob ação da água, e resultar em caulino, uma rocha sedimentar.

No conjunto das rochas metamórficas, destacam-se os migmatitos, os gnaisses e os micaxistos.

As rochas sedimentares incluem, para além do caulino anteriormente mencionado, as formações de areias e cascalheiras de parais e areias de duna e depósitos de praias antigas, que se formam essencialmente, pela erosão da água. Manifestam-se, naturalmente, junto aos principais cursos de água e junto à costa.⁹

A linha de costa de Leça da Palmeira, onde se implanta a casa de Chá da Boa Nova, caracteriza-se pela presença das rochas mencionadas anteriormente, observando-se em maior quantidade o afloramento granítico meteorizado (caos de blocos) e a areia consequente da sua meteorização.

8- Pacheco, C. *Geologia Da Área Do Porto De Leixões, Com Base Em Dados Geofísicos, Sondagens E Levantamentos De Campo*. Porto: Faculdade de Engenharia. 2013/2014.

9- Direção Municipal de Ambiente, Equipamentos e Investimentos. *Relatório- Anexo VIII. Enquadramento biofísico, caracterização florestal e agrícola. Revisão do PDM de Matosinhos*. Câmara Municipal de Matosinhos.

Localização

Entre a terra e o mar, a casa de chá localiza-se na União de Freguesias de Matosinhos e Leça da Palmeira, no concelho de Matosinhos. Apesar de isolada das restantes edificações, tem na sua envolvente próxima a Capela da Boa Nova, o farol de Leça da Palmeira, e tem como pano de fundo a área mais urbanizada da cidade, nomeadamente a zona industrial e residencial de Matosinhos.

Implantada junto à costa, numa zona muito pouco edificada, fica enquadrada nos afloramentos rochosos que se situam entre a Praia da Senhora da Boa Nova e a Praia Azul. O seu acesso é efetuado através de uma rua que se ramifica da Avenida da Liberdade, que permite o acesso à Praia Azul e à Capela, culminando na Casa de Chá. É a partir do final dessa rua que o visitante é conduzido e convidado a fazer o percurso pedonal até à entrada do edifício.

A casa de chá fica envolvida por um ambiente natural excecional, marcado pelas rochas e pela vida que nelas habita. A linha costeira que a acolhe conta com um relevo pouco acentuado e um clima temperado marítimo, marcado pela proximidade ao oceano. A sua fauna, diversificada e característica deste tipo de habitats, é halocasmofítica, e inclui plantas como a *Carpobrotus edulis* (chorão da praia) ou a *Armeria pubigera*, unicamente observada na Península Ibérica ¹⁰. Nas rochas, encontram-se líquenes, com tonalidades acinzentadas ou alaranjadas, que se adaptam às características adversas do mar.

10- Direção Municipal de Ambiente, Equipamentos e Investimentos. *Relatório- Anexo VIII. Enquadramento biofísico, caracterização florestal e agrícola. Revisão do PDM de Matosinhos*. Câmara Municipal de Matosinhos.

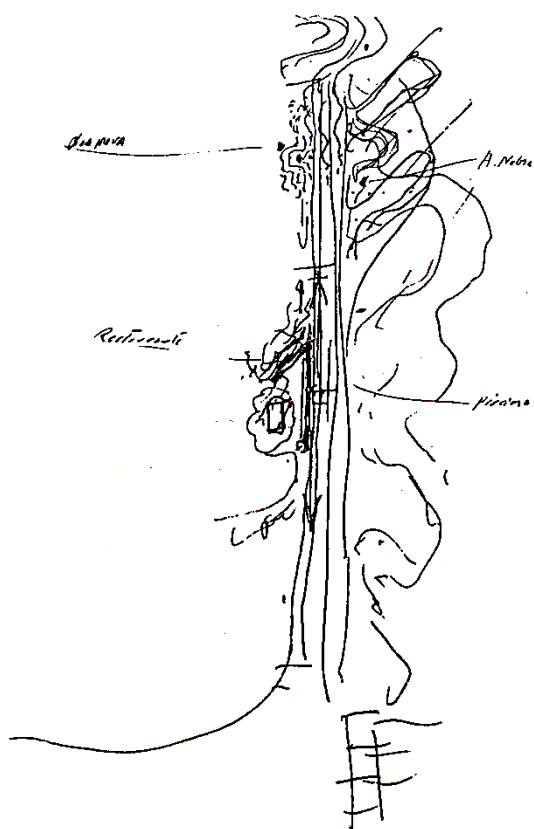


Figura 22- "Esboço da Planimetria. À esquerda o Atlântico". Álvaro Siza, em "Imaginar a Evidência", 1958.



Figura 23- Casa de Chá vista do mar. Fotografia de Nelson Garrido.



Figura 24- Enquadramento da Casa de Chá. Fotografia de Fernando Guerra.

Evolução

Leça da Palmeira tem origem numa *villa* romana, *Letia*, que surgiu nas margens do Rio Leça e abrigava os palmeiros, peregrinos da Terra Santa, que ali desembarcavam.¹¹

O seu crescimento, potenciado pela expansão da cidade do Porto, tem no mar um agente de desenvolvimento urbano, essencialmente através da indústria piscatória, conserveira e do transporte de mercadorias. Num concelho muito industrializado, destacam-se como principais equipamentos comerciais e industriais o Porto de Leixões e o Complexo Industrial da Refinaria do Porto (Petrogal). A região vê ainda as suas praias muito valorizadas pelos habitantes e turistas que as visitam. É sob essa premissa que surge a Casa de Chá da Boa Nova, que procura tirar proveito das condições naturais que a costa oferece e simultaneamente estimular a restauração e o turismo de Leça da Palmeira. Ao seu redor, encontram-se a Capela da Boa Nova, fundada pela Ordem Franciscana, em 1392, e o Farol da Boa Nova, de 1927, que se apresenta como um dos mais altos do país.

A Casa de Chá, construída entre 1959 e 1963, resulta de um concurso público, organizado pela Câmara Municipal de Matosinhos, em 1956. O concurso teve como vencedor o arquiteto Fernando Távora, que escolheu como local de implantação do edifício, as rochas da Boa Nova, e confiou o projeto a um dos colaboradores: o arquiteto Álvaro Siza Vieira.

De uma forma imprevisível, Távora selecionou o local tendo em conta a possibilidade de avanço do mar, deixando-o a 2 metros de altitude. Importou também para a escolha do lugar, a simbologia que a região representa para os habitantes, pela sua ligação à vida do poeta local António Nobre.

Estando ainda no início da carreira, Siza Vieira projetou a casa de chá da Boa Nova e, mais tarde, desenvolveu um projeto que lhe dá continuidade: a Piscina das Marés, alimentada pela água do mar. À semelhança da casa de chá, implanta-se em Leça e é considerada um dos edifícios mais emblemáticos da região.¹²

Na década de 90, a Casa de Chá foi bastante danificada devido a uma tempestade. Siza Vieira restaurou o edifício, em 1991, procurando manter as características do projeto inicial. Em 2013, 50 anos depois da sua inauguração, o edifício voltou a sofrer intervenções, e assumiu as funções de restaurante, reabrindo no ano seguinte, com um espaço de refeições adicional.

11- Matosinhos. Leça da Palmeira. *História*. Câmara Municipal de Matosinhos. Disponível em: <http://www.jf-matosinhoslecapalmeira.pt/pages/166>.

12- Siza, A. *Imaginar a Evidência*. Lisboa: Edições 70. 2019.

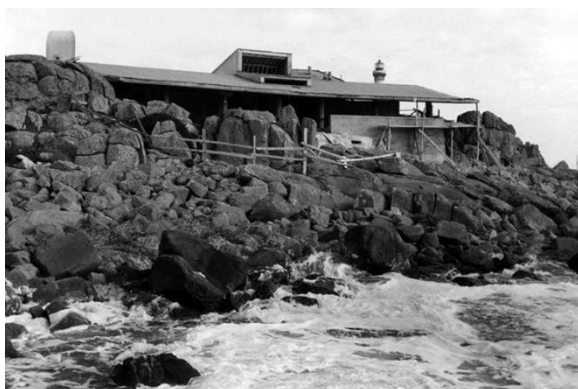


Figura 27- Fotografias da construção. Disponível em: <https://www.leca-palmeira.com/leca-da-palmeira-casa-de-cha-da-boa-nova/>.



Figura 28- Vista da Capela. Antes da construção da casa de chá. Autor desconhecido. Disponível em: <http://resenhaavozdeleca.blogspot.com/2009/02/leca-da-palmeira-antropologica-v.html>



Figura 29- Vista da Capela. Fotografia da autora, 2022.

Percurso

O percurso que é feito até à Casa de Chá da Boa Nova permite uma experiência sensorial única, com uma sequência de planos e perspetivas que se fundem e culminam na entrada do edifício. Ao longe, ao percorrer a marginal, surge o contraste entre tecidos urbanos e paisagens. De um lado, uma cidade urbanizada, com alguma densidade, com um carácter industrial e residencial, e um ponto alto e distinto: o farol de Leça da Palmeira. Do outro lado, um vazio, a ausência de tecido, com uma edificação fragmentada e rarefeita, um espaço ocupado essencialmente pela areia, os passadiços, as rochas e vegetação, com o mar no horizonte.

O aproximar-se do ponto de chegada torna clara a silhueta da Capela da Nossa Senhora da Boa Nova e ao lado vai-se desvendando lentamente a Casa de Chá da Boa Nova. De uma rua secundária surge um percurso distinto, que se afasta da cidade e determina o trajeto que o visitante percorre até ao edifício.

Esse caminho associa-se a uma colina verde, revestida pela fauna local, trabalhada e rasgada por muros brancos de contenção, baixos, impercetíveis do lado norte. Os muros funcionam em planos geometricamente pensados, com rampas e degraus num pavimento diferenciado. Enquadram o volume da casa, que lhes dá seguimento e permitem que os momentos de pausa sejam de contemplação da paisagem em “quadros” criteriosamente selecionados, dando pistas acerca da entrada pouco evidente da casa.

O percurso serpenteado termina num espaço recatado, protegido e enclausurado pelas rochas locais. O ponto de chegada, pequeno, baixo e ‘sombrio’ é então descoberto: a entrada no edifício, que representa uma fase distinta da experiência global, uma fase introspetiva e individual, que marca a transição entre dois momentos e espaços diferentes.

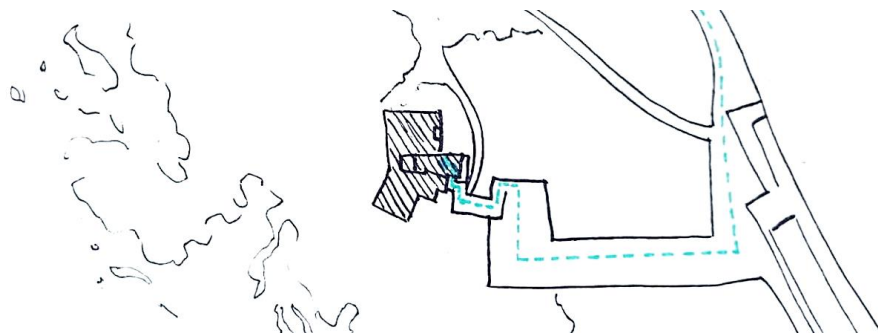
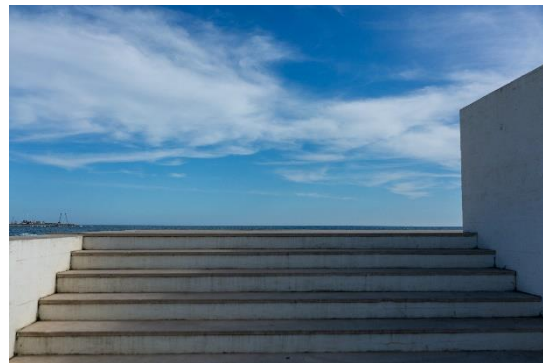


Figura 30- Percurso até à casa. Desenho e fotografias da autora, 2022.

O edifício

Num concelho fortemente urbanizado e industrializado, a casa de chá representa um refúgio, pousado nas rochas, rodeado pela areia e pelo mar. Percorrê-lo é viver uma experiência de descoberta, é entrar numa casa que atribui novos conceitos de contemplação e de vivência da natureza.

O posicionamento da casa, não linear, com dois eixos de rotação junto às escadas de entrada que fazem parte da estrutura da casa, determinam um edifício que procura fechar-se sobre si e comunicar unicamente com as rochas e com o mar. Este gesto confere-lhe maior privacidade e isola-o do ruído sonoro e visual da cidade, e marca a divisão entre funções e tipos de espaços, no interior. São também estes eixos que determinam as diferenças de cota e influenciam as inclinações do telhado.

A entrada, após um trajeto serpenteado, mostra-se um casulo, escuro, apertado, protegido. Representa um momento mais individual e fechado, onde a paisagem perde a sua ênfase. Ao invadir o espaço, o interior abre-se, acolhe e transforma a experiência do utilizador.

A cota alta de entrada, em conjunto com as paredes e o telhado rasgados, mostra o horizonte, em cima, e as rochas, em baixo, como se de quadros se tratassem. O visitante é conduzido a descer, a aproximar-se do mar, a conhecer novas perspetivas.

Já no piso inferior, o visitante é recebido num hall central que dá acesso a todas as divisões. Do lado direito, a uma cota mais baixa, encontra-se a sala de refeições principal, envidraçada para a esplanada, com uma janela junto ao solo, a norte. Num confronto entre terra e mar, o espaço torna-se mais amplo e luminoso. No lado oposto, a sul, a outra sala de refeições, mais pequena, encastrada nas rochas. Tal como a primeira, é envidraçada para o mar e para as rochas, a sul. Ambos os espaços permitem estar junto ao mar e às rochas; a ligação à esplanada favorece esse contacto, com uma privacidade concedida pela litologia e pelo posicionamento estratégico do edifício.

A cozinha do restaurante, fica na zona este do edifício. É um espaço mais seccionado, menos luminoso e com um pé direito mais reduzido. A entrada para a cozinha, localiza-se a norte, no lado oposto ao da entrada pública. O seu acesso é feito através de escadas que ficam, mais uma vez, escondidas pelas rochas.

Como um espaço de exceção destaca-se o bar da casa de chá, a sul, junto às escadas, que funciona como um refúgio para os visitantes. É um espaço aberto, mais pequeno, recatado e sombrio, que permite um afastamento social e de toda a paisagem.

Num edifício que reúne diferentes tipos de espaços, diferentes momentos de um percurso, e que procura explorar e avivar os sentidos do visitante, entrelaçam-se características que permitem esses contrastes. A variação de cotas e alturas, agregada às dimensões, à luminosidade e à materialidade dos espaços resulta num espaço único, coeso, porém diversificado e harmonioso. Para a criação de uma multiplicidade de espaços interiores, o telhado tem um papel chave. O uso de telha confere à casa um ar tradicional, confortável e coerente com as coberturas da paisagem envolvente, nomeadamente com os telhados da capela de Nossa Senhora da Boa Nova e dos edifícios adjacentes ao farol de Leça da Palmeira. Na casa, a inclinação e geometria do telhado molda-se de acordo com a topografia e o posicionamento das rochas, de forma a controlar as aberturas e os pontos de vista do interior, bem como as entradas de luz e a percepção do espaço.

Os materiais da casa combinam-se e resultam num edifício moderno que procura manter as características das casas tradicionais. O betão, com uma tonalidade semelhante à das rochas, marca o modernismo na obra. Por outro lado, as paredes caiadas e o telhado, conjugado com as caixilharias de madeira, sugerem um edifício mais tradicional, semelhante ao que o rodeia, inserindo-o, portanto, no regionalismo crítico. O revestimento com madeira no interior traz o conforto que a paisagem mais agreste precisa, resultando num interior que, por oposição ao exterior, acolhe e aquece. Com detalhes e desenhos únicos, pensados exclusivamente para a casa de chá, os móveis, as escadas e as guardas, as caixilharias e parte do revestimento das paredes e do teto em madeira atravessam todo o interior e contribuem para a ideia de conforto e de consonância do espaço. Os pormenores característicos do modernismo *aaltiano*, onde o soalho de madeira toma duas direções distintas e os pontos de encontro resultam em saliências de madeira no teto, enfatizam a irreverência e elevam o requinte da obra de Siza Vieira. O vidro, presente em toda a fachada oeste e em momentos estratégicos da obra, contribui para a luminosidade e para a amplitude dos espaços e das perspetivas, que por vezes se estendem para o exterior. O edifício torna-se pontualmente transparente e é possível em posições específicas observar, do exterior, o movimento no interior, na esplanada e partes da paisagem que se encontram dissimuladas. No exterior, o pavimento desempenha um papel fulcral na fusão do edifício com a envolvente. Na entrada, evidencia o percurso a fazer até ao edifício. Na esplanada do restaurante, o seu desenho desalinhado encontra as rochas e suaviza a transição entre a forma construída e o espaço natural. A casa de chá representa, assim, simultaneamente um espaço de continuidade e um espaço de oposição à envolvente, permitindo ao utilizador fazer parte da natureza ou afastar-se dela, no conforto que só uma casa tem.



Figura 31- A casa vista de norte. Fotografia da autora, 2022.



Figura 32- A casa à noite. Fotografia de João Morgado, 2014.



Figura 33- A casa e as rochas. Fotografia da autora, 2022.

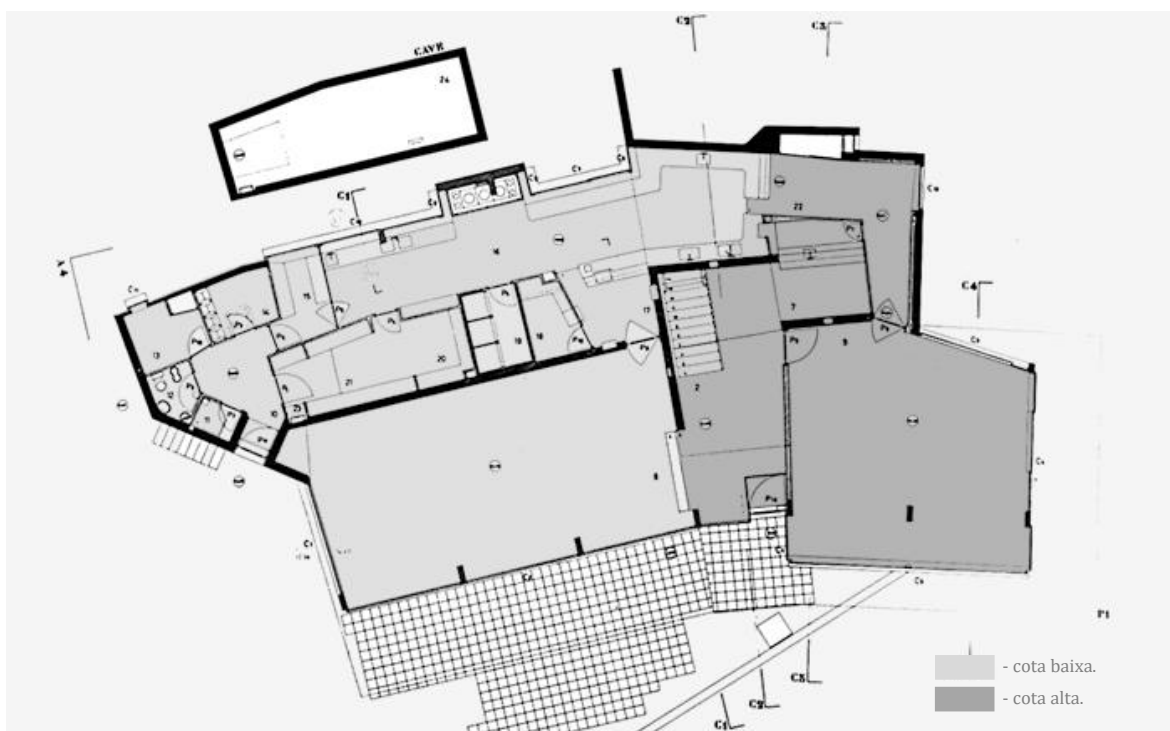


Figura 34- Planta com diferença de cotas na Casa de Chá. Planta original do projeto (sem escala), editada pela autora. Em "Imaginar a Evidência", de Guido Giangregorio.



Figura 3525- Interior da Casa de Chá. Fotografias por João Morgado, 2014.

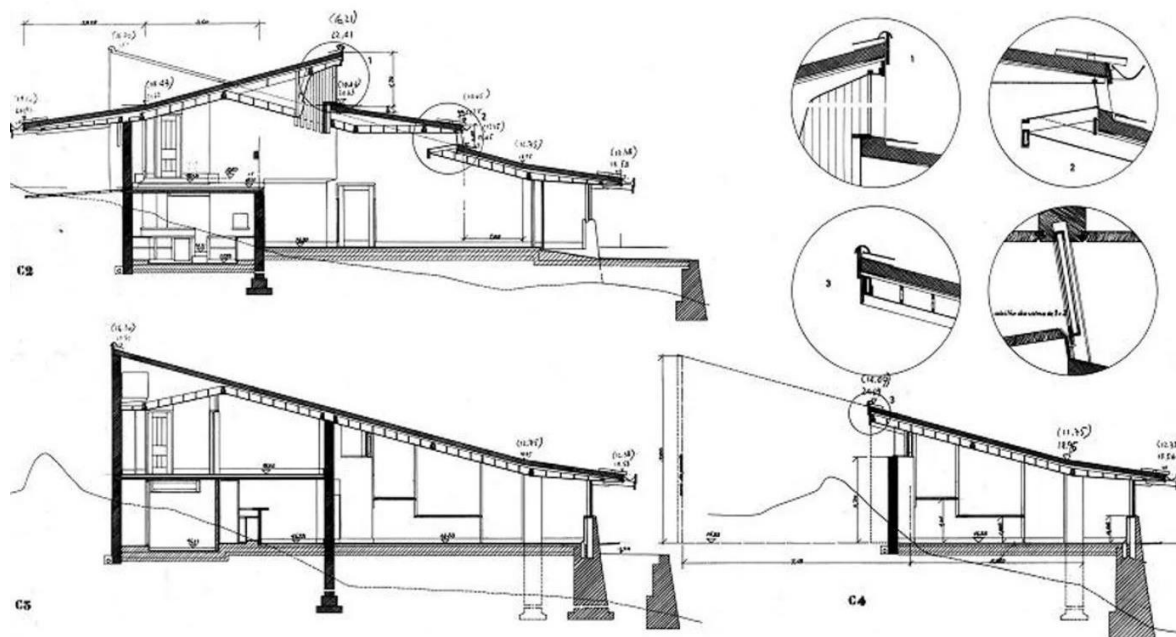


Figura 36- Cortes e detalhes construtivos do projeto original (sem escala). Em "Imaginar a Evidência", de Guido Giangregorio.

A casa e a relação entre forma construída e espaço natural

Uma casa que parece mergulhar nas rochas, que procura não perturbar a envolvente, mas apenas inserir-se na sua natureza e tirar proveito dela. Numa região onde a rocha dominante é o granito e onde a costa se afasta da densidade da cidade industrial, a proximidade com o oceano traz a tranquilidade e a imensidão de um cenário que é a chave para o projeto da casa. Criteriosamente pensado, e apesar de pouco expectável, o local de implantação manifesta um respeito singular pelo mar. É escolhido um local próximo do oceano, e não ignorando as intempéries, e sem colidir com a paisagem, fica inserido num ponto relativamente alto, entre o ‘caos’ tectónico pré-existente, com a linha do horizonte como ponto de partida.

Numa dualidade entre permanecer discreto e assumir a sua presença, o edifício, quase impercetível ao longe, é lentamente desvendado no percurso de aproximação, que evidencia diferentes pontos de vista e planos do conjunto volumétrico. Ao mesmo tempo, parece libertar-se da paisagem e anunciar-se enquanto construção, enquanto objeto distinto do que o rodeia. Pensado para ser vivido, para trazer humanização à zona costeira, o edifício pousa e molda-se às rochas, sem se deixar esconder na natureza. A colina acompanha-o, e o chorão-da-praia envolve-o, dando-lhe razão de ser e afirmando o seu posicionamento certo por entre as rochas. Esta dualidade é sustentada pela relação entre as cotas, os telhados e a escolha de materiais da casa, que contribuem para o equilíbrio entre estar presente e estar em harmonia com a envolvente; e manipulam a perceção de espaço e as sensações que o interior invoca. Daí emana o contraste entre momentos, conseguidos pela relação entre a intensidade da luz e a amplitude do espaço, que organizam as funções e originam ambientes desiguais, que culminam numa experiência de heterogeneidade de planos, perspetivas e sensações.

A materialidade é sem dúvida um fator essencial na ambivalência entre natural e humanizado. O ar bruto do betão, modernista por excelência, e as chaminés altas e robustas são traços que podem evocar o lado mais industrial da cidade. Por outro lado, os telhados e as paredes brancas, lembram os edifícios envolventes. Não obstante, esta combinação de materiais parece articular-se e avivar os tons cinza e alaranjado dos líquenes presentes nas rochas, e tudo fica em concordância. No interior, o recurso à madeira traz o conforto e o vidro deixa que o exterior invada a casa, resultando tudo isto num edifício sereno e acolhedor de um lar.

E se, por tudo isto, a casa de chá é um edifício ímpar, que se fecha sobre si, mas partilha do sentido da natureza, que não se sobrepõe ao som das ondas, e não se apaga na paisagem, é o exemplo perfeito de relação entre forma construída e espaço natural. Um edifício que de dia é mudo, sossegado, e de noite, quando o que o rodeia emana essa quietude, se ilumina, ganha vida, um novo sentido, e se transforma num farol.

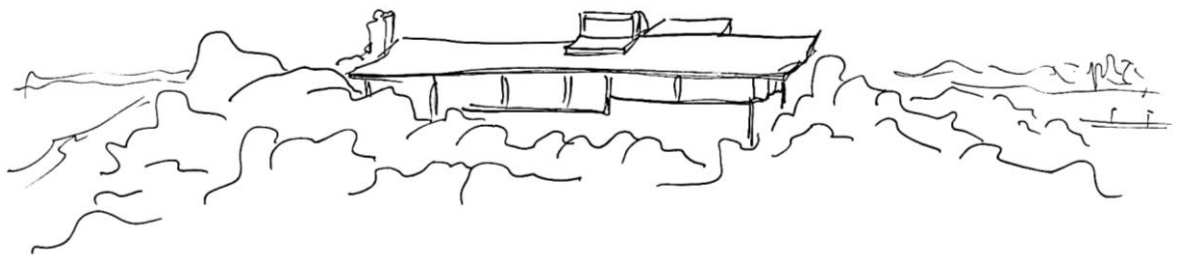


Figura 37- A casa de chá vista do mar. Esquisso da autora, 2022.

"Correndo no betão,
 Correndo no horizonte
 O barulho do riso antes de partir,
 O som das ondas voltará
 O espaço torna-se doméstico por um momento
 Correr e mergulhar no oceano
 Desenhado pela sombra,
 A geometria da luz
 Apenas uma linha
 Horizontal é o horizonte,
 Horizontal é o chão de betão
 Vertical é o homem,
 Como a borda do muro de betão
 As rochas repousam sobre uma base de betão
 Horizontal é a composição,
 Vertical é a tripartição
 Entre rocha e paredes de betão,
 é no enquadramento que o horizonte se torna infinito
 Jogos de altimetria na topografia,
 Sentindo o espaço sem fim
 As pessoas foram embora,
 o espaço desaparecerá se eu for embora também?
 Os gritos e risos desapareceram,
 O som das ondas voltou,
 A sombra cresce"
 Julien, J. Leça,

V. Considerações Finais

Ao longo deste documento foi possível explorar através da aldeia de Drave, do centro histórico de Amarante e da Casa de Chá da Boa Nova, três interações distintas entre forma construída e espaço natural. Seleccionados pela sua proximidade geográfica e pela diversidade de escalas, contextos geológicos, evoluções e tecidos que apresentam, resultam num conjunto heterogéneo, que enriquece o trabalho, pela multiplicidade de soluções arquitetónicas, proporcionando, consequentemente, um conhecimento mais completo e alargado do tema. Por conseguinte, e após desenvolvido todo o processo de elaboração da dissertação, foi possível estabelecer a comparação entre todos eles (facilitada por uma grelha de análise comum, que se desenvolve desde o enquadramento histórico-geográfico até à materialidade das formas arquitetónicas), de forma a inferir as semelhanças entre os seus ambientes naturais e entre as estratégias que foram desenvolvidas na sua evolução, como resposta às necessidades e ao contexto em que se inserem.

Transformada ao longo do tempo, pelo homem e pela natureza, Drave, atualmente em ruínas, lembra o passado e conserva a vivência de outrora. Erguida de forma natural, pouco planeada, constituiu sempre um delicado equilíbrio entre o que a natureza oferece e ações humanas muito pontuais. As intervenções que sofre atualmente são realizadas com o intuito de preservar a identidade e a memória coletiva desse lugar. A evolução do centro histórico de Amarante, ao longo de vários séculos, procura manter um fio condutor de crescimento, que se reflete num tecido urbano coerente, sempre relacionado com o seu contexto natural. A Casa de Chá da Boa Nova, contrariamente aos exemplos anteriores, é um edifício único, de escala reduzida, resultado de um projeto mais recente, combinando elementos da arquitetura modernista e da arquitetura tradicional. É um exemplo notável, a nível nacional e internacional da temática em análise nesta dissertação. Numa linha cronológica mais curta, é um exemplo menos intervencionado e com uma evolução mais estável e uniforme, tendo a natureza, em especial o mar, como principal agente de transformação.

A água, sob a forma de ribeiro, rio ou mar representa, em todos eles, um ponto de partida e uma condicionante no processo de construção de cidade. Todos procuram beneficiar e estabelecer uma relação próxima com este elemento, atendendo às suas características, à sua natureza. Posicionados a uma altitude suficiente para proteger os aglomerados/edifícios das intempéries, todos tiram proveito da água para a atividade agrícola, piscatória, para atividades de lazer ou simplesmente para a contemplação da paisagem. Com um papel fundamental no desenho de cada um, é a partir dele que se alimenta a aldeia de Drave, que nasce a ponte de São Gonçalo e a cidade de Amarante. Representa a intenção e o propósito da Casa de Chá da Boa Nova.

A relação com a topografia é, também, evidente nos três exemplos. Qualquer um deles apresenta um tecido construído implantado a uma cota alta, devido à presença da água. A preferência pelas

zonas mais planas da serra, em Drave, e da colina, em Amarante, foi uma escolha evidente, essencialmente devido à maior facilidade construtiva e funcional que proporcionam. Resultaram ambos em aglomerados posicionados “em escada”, que se expandiram ao longo do sopé das montanhas, em Drave, e da colina, em Amarante. Já na Casa de Chá da Boa Nova, essa relação é conseguida pela transição que o edifício faz, nas cotas e na inclinação dos telhados, que acompanham o declive das rochas, dando a sensação de que se caminha sobre o terreno.

Do mesmo modo, a litologia de cada um dos locais estudados mostra-se vital na construção de cidade. Se por um lado é usada em Drave e Amarante como sistema e material construtivos, que condicionam as dimensões, quer dos edifícios, quer das pontes e ruas; representa na casa de chá um elemento imperial e inviolável. As rochas são o terreno onde se implanta o edifício e o seu posicionamento e a sua estaticidade é acatada pelo arquiteto, que opta por não as perturbar nem modificar. O edifício fica apenas pousado, usufruindo da proteção das rochas pré-existentes contra as condições climatéricas adversas, isolando-a do ruído sonoro e visual da cidade.

Importa também referir a importância da exposição solar na evolução dos três casos de estudo. Se em Drave, o sol determina as horas de trabalho, as estações e as colheitas e se a sua ausência, nos meses mais frios, explica a utilização do gado e do fogo para o aquecimento das casas, também Amarante se desenvolveu e cresceu essencialmente no lado norte do rio, beneficiando da melhor exposição solar. Na casa de chá, a organização do espaço tem em conta essa preocupação com a luz. Voltam-se para este os serviços, e localizam-se as áreas mais sociais no lado oposto. Os raios de sol atravessam os vidros a norte, sul e oeste, e alteram a perceção do espaço ao longo do dia. O edifício fica iluminado até ao anoitecer no horizonte, permitindo a quem vive este espaço participar do momento em que o sol se põe, no mar. À noite, na ausência de luz solar, o interior ilumina-se artificialmente e torna-se num ponto de luz na paisagem.

Os três objetos de estudo adaptam-se e moldam-se de forma a enquadrar-se no cenário precedente. Acrescentam valor ao pré-existente e procuram o seu espaço na natureza. Todos eles afastados de outras formas construídas, escolhem uma zona favorável à sua génese, e crescem em harmonia com o ambiente natural. Nesse processo é fundamental o papel da vegetação. Em Drave, para além de parte integrante da vivência e da atividade humana, a vegetação impacta a forma como se percebe a aldeia. No verão, a serra fica coberta de erva seca e dourada, no inverno fica encapada pela neve e na primavera veste-se de urze, ficando camuflada ou evidenciada na paisagem, consoante a estação. Em Amarante, a vegetação, especialmente junto ao rio, enquadra e sombreia a cidade. Transforma a margem do rio num local fresco, silencioso e agradável para lazer, criando um contraste com o que se observa no patamar mais alto da cidade. Já na casa de chá, o chorão-da-

praia, que invade o edifício lentamente, e os líquenes nas rochas, com as tonalidades da casa, acolhem e tornam o edifício parte integrante na paisagem.

Todos estes são espaços humanizados, onde ficam marcados alguns traços da vivência que sofrem. Desde a erosão dos carros de bois nas ruas de Drave, às marcas de balas na ponte de Amarante ou aos traços industriais das chaminés da Casa de Chá. Todos conservam memórias espontâneas que avivam partes importantes da história de cada um. São locais de encontro e de fortalecimento do vínculo criado entre o Homem e a natureza, onde se fundem e criam histórias comuns. Seja numa aldeia onde tudo provém e tudo regressa à natureza, onde a natureza é casa e alimento; numa cidade que nasce de um rio, usado para passear de barco, lavar a roupa, pescar e nutrir a terra; ou, ainda, numa casa de chá que procura representar um momento de pausa, de contemplação e de interação com o horizonte marítimo.

A realização desta dissertação constituiu um exercício de aprendizagem que contribuiu para a aquisição de novos conhecimentos essenciais para a prática de uma arquitetura consciente e integrada no meio. Esta leitura da relação entre forma construída e espaço natural pode ser transversal e funcionar como base de trabalho de qualquer projeto de arquitetura e urbanismo. Possibilitou a valorização de várias abordagens à arquitetura, entre elas a arquitetura popular, menos erudita, por vezes menosprezada, mas com princípios que podem ser uma mais-valia na construção de qualquer assentamento urbano ou edifício. Esse conhecimento tradicional e empírico resulta em construções bem integradas no seu contexto natural, que respondem às necessidades dos seus habitantes. O seu mérito é também visível na utilização sábia de recursos naturais, arquétipo de uma prática ambientalmente e economicamente mais sustentável. Deixa consigo a sapiência popular, no valor material e moral que deixa para as gerações seguintes, podendo ser uma ferramenta preciosa na prática da arquitetura.

Esta leitura mostrou que qualquer edificação pode ser pensada, não como protagonista principal numa paisagem, mas como parte do cenário em que se insere. Projetada para suprir as necessidades do utilizador e permitir que viva o espaço da melhor forma, a arquitetura deve garantir uma relação de simbiose com o meio natural, independentemente da sua escala e do seu contexto.

Esta leitura constitui um exercício que deve ser realizado não só para conhecer o passado das cidades, mas para depreender a linha que devem manter no futuro. Deste modo, poderá determinar-se a pertinência de novas intervenções no edificado e na natureza, sempre com objetivo de contribuir para a primazia dos espaços, de forma consciente e responsável, e sem lhes retirar a sua identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Batista, C. (2019). *Técnica construtiva e modos de habitar em xisto, para um plano de intervenção e recuperação na aldeia de Drave (volume II)*. Universidade do Minho: Escola de Arquitetura.

Castro, M. Carvalho, R. (2001). *Drave: o rosto das palavras*. Contemporânea Editora: Matosinhos.

Costa, F. *O rio e a cidade: contributo para o estudo da qualidade ambiental do rio Tâmega na sua passagem pelo centro urbano de Amarante*. Porto: Faculdade de Letras. 1999.

Couto, H. (1999). *Arouca- Uma viagem através dos tempos geológicos*. Arouca: Associação da Defesa do Património Arouquense.

Direção Municipal de Ambiente, Equipamentos e Investimentos. Relatório- Anexo VIII. *Enquadramento biofísico, caracterização florestal e agrícola. Revisão do PDM de Matosinhos*. Câmara Municipal de Matosinhos.

Ferreira, A. (1995). *Aspetos da Organização do Espaço Português*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

Giangregorio, G. (2019). *Álvaro Siza. Imaginar a Evidência*. Edições 70.

Guerreiro R (2011) *Urbanismo orgânico e a ordem implícita: uma leitura através das geometrias da natureza*. Tese de Doutoramento não publicada, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal

Kostof, S. (1991). *The city shaped: Urban Patterns and Meanings Through History*, Londres: Thames and Hudson.

Martins, L, Gomes, E, Neves, L, Sousa, L, & Oliveira, A. *Dados preliminares da radioatividade natural na região de Amarante (Norte de Portugal)*. GEOTIC: VIII Congresso Nacional de Geologia. 2010.

Morris, A.E.J. (1972) *History of urban form: before the industrial revolution*. Londres: George Godwin Limited.

Pacheco, C. *Geologia Da Área Do Porto De Leixões, Com Base Em Dados Geofísicos, Sondagens E Levantamentos De Campo*. Porto: Faculdade de Engenharia. 2013/2014.

Teixeira, M. e Valla, M. (1999) *O urbanismo português*. Lisboa: Livros Horizonte.

WEBGRAFIA

Camila, P. (2021). *Scopio. Fendas intermporais. Leça*. Consultado a 6 de junho.

Disponível em: <https://www.scopionetwork.com/blog?offset=1645990844892>.

Carvalho, J. (1116). *De Via Romana à Vila que se tornou Princesa do Tâmega*. Consultado a 3 de maio.

Disponível em: <https://amarantetourism.com/poi/de-via-romana-a-vila-que-se-tornou-princesa-do-tamega/>.

Diebel, J, Kretchmer. Orla, Norda, J, & Weather Spark. *Clima e condições meteorológicas médias em Amarante no ano todo*. Consultado a 27 de abril.

Disponível em: <https://pt.weatherspark.com/y/32490/Clima-caracter%C3%ADstico-em-Amarante-Portugal-durante-o-ano>.

Monumentos desaparecidos (2010). *Amarante, início do séc. XX*. (Cidade de Amarante). Consultado a 3 de maio.

Disponível em: <http://monumentosdesaparecidos.blogspot.com/2010/07/amarante-inicio-do-sec-xx-cidade-de.html>.

Morgado, J. (2014). *Renovação da Casa de Chá da Boa Nova. Fotografia de Arquitetura*. Consultado a 8 de junho.

Disponível em: <https://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/renovacao-da-casa-de-cha-da-boa-nova>.

Serena, I, & Dordio, P. (1994). *Ponte sobre o Tâmega / Ponte de São Gonçalo*. Consultado a 3 de maio.

Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3885.

The uniplanet. (2009). "Canção de uma sombra" - Poema de Teixeira Pascoaes. Consultado a 6 de junho.

Disponível em: <https://www.theuniplanet.com/2009/08/cancao-de-uma-sombra/>.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Drave vista do cimo da montanha. Fotografia da autora, 2022.	16
Figura 2- Os edifícios implantados em socacos de xisto. Fotografia da autora, 2022.	16
Figura 3- Memórias do quotidiano dos habitantes de Drave. Fotografias de Rui de Carvalho, 1997.....	18
Figura 4- Planta de cheios e vazios. Desenho de Cassilda Baptista, 2019.	21
Figura 5- As ruas, as casas e a vegetação. Fotografia da autora, 2022.	21
Figura 6- Planta de Drave (sem escala). Desenho de Cassilda Baptista, 2019.....	22
Figura 7- Planta de usos (sem escala). Desenho de Cassilda Baptista, 2019.....	25
Figura 8- Pormenores da aldeia. Fotografias da autora, 2022.	26
Figura 9- Capela de Nossa Senhora da Saúde. Fotografia da autora, 2022.	28
Figura 10- Espigueiro. Fotografia da autora, 2022.	28
Figura 11- Esquisso de Drave. Desenho da autora, 2022.	30
Figura 12- Área de estudo. Imagem do Google Earth.....	34
Figura 13- A igreja e a ponte. Fotografia da autora, 2022.....	34
Figura 14- "Planta para a reedificação da memorável Villa D'Amarante". Joaquim Carvalho, 1116.....	36
Figura 15- Vista de Amarante no início do Séc. XX. Alfredo Osório, 1900.....	36
Figura 16- Planta de Amarante. Desenho da autora, 2022.	40
Figura 17- Percurso pedonal junto ao rio. Fotografia da autora, 2022.....	40
Figura 18- Rua Frei José Amarante. Fotografia da autora, 2022.....	40
Figura 19- Vista sobre a Rua Teixeira de Vasconcelos. Fotografia da autora, 2022.....	42
Figura 20- Edifícios da margem direita do rio. Fotografia pela autora, 2022.....	42
Figura 21- Planta de Edifícios Especiais. Desenho da autora, 2022.....	45
Figura 22- A ponte, o reflexo da cidade. Fotografia da autora, 2022.....	45

Figura 23- Esquisso de Amarante. Desenho da autora, 2022.	47
Figura 24- "Esboço da Planimetria. À esquerda o Atlântico". Álvaro Siza, em "Imaginar a Evidência", 1958.	51
Figura 25- Casa de Chá vista do mar. Fotografia de Nelson Garrido.....	51
Figura 26- Enquadramento da Casa de Chá. Fotografia de Fernando Guerra.....	51
Figura 27- Fotografias da construção. Disponível em: https://www.leca-palmeira.com/leca-da-palmeira-casa-de-cha-da-boa-nova/	53
Figura 28- Vista da Capela. Antes da construção da casa de chá. Autor desconhecido. Disponível em: http://resenhaavozdeleca.blogspot.com/2009/02/leca-da-palmeira-antropologica-v.html	53
Figura 29- Vista da Capela. Fotografia da autora, 2022.	53
Figura 30- Percurso até à casa. Desenho e fotografias da autora, 2022.....	55
Figura 31- A casa vista de norte. Fotografia da autora, 2022.	58
Figura 32- A casa à noite. Fotografia de João Morgado, 2014.....	58
Figura 33- A casa e as rochas. Fotografia da autora, 2022.	58
Figura 34- Planta com diferença de cotas na Casa de Chá. Planta original do projeto (sem escala), editada pela autora. Em "Imaginar a Evidência", de Guido Giangregorio.....	58
Figura 35- Interior da Casa de Chá. Fotografias por João Morgado, 2014.....	59
Figura 36- Cortes e detalhes construtivos do projeto original (sem escala). Em "Imaginar a Evidência", de Guido Giangregorio.....	59
Figura 37- A casa de chá vista do mar. Esquisso da autora, 2022.....	61